

S. Paulo

Paulo é um missionário que escreve como um pai sofredor. As suas cartas evidenciam um grande cuidado pastoral pelas comunidades, que só é explicável por alguém apaixonado pelo Evangelho (“ai de mim se não anunciar o evangelho” 1 Cor 9,16). Por isso, não o façamos escritor. Não é um epistológrafo profissional.

Paulo procura, vai à procura dos seus ouvintes para lhes anunciar Jesus. Por os procurar, a sua correspondência é muitas vezes a correspondência epistolar trocada na conversa de pai para filho. Esta correspondência mostra como é solícito pelos seus. Esta solicitude tira Paulo da crítica que o acusa de ser um gabarolas irónico (cf. 2 Cor 11,30 “Se convém gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza”). Com efeito, é na sua fraqueza que reside a força única e não comprometida da evangelização. A fraqueza é a raiz da evangelização. Só nela Deus evidencia do que é capaz.

Paulo dá o corpo ao manifesto, pois encarna o evangelho, vivendo o ideal que anima a sua e nossa fé. Paulo realiza esta encarnação do evangelho de Jesus já na condição de convertido proveniente do mais rigorista rabinismo. Isto obriga-o a superar uma luta interior dramática: compaginar Saulo com Paulo.

A sua teologia não é catecumenal nem sistemática, mas de impulsos, avassaladora, muito intuitiva e com um eminente alcance pastoral. Estamos diante de um viajante infatigável produto de uma fé inabalável, também ela infatigável. Paulo viaja pelo império romano como judeu de fé e grego na cultura. Conhece estes dois mundos. Apóstolo da cruz e da páscoa de Jesus encarna esta dramaticidade da acção de Deus na sua vida. Tenta justificar a lógica da cruz. Para tal, Paulo, que também é exegeta, usa o A.T. e cita-o recorrendo ao argumento das Escrituras. Orador nato sabe comunicar as suas convicções (cf. 2 Cor 4,13 “Nós cremos também; por isso, também falamos). Apóstolo dos gentios torturado pela incredulidade de Israel, torturado pela incredulidade do seu povo, tenta fazer com que Saulo chegue à fé. Normalmente começa por anunciar nas sinagogas, depois grandes cidades. Isto significa que não foge aos grandes centros da cultura. Faz o evangelho encontrar o mundo, o mundo todo, mesmo e sobretudo o da cultura. Pela eloquência dos seus escritos, ortodoxia da sua mensagem e pela santidade do seu testemunho de vida, Paulo é bem o primeiro doutor da Igreja. É-lo na condição de supervisor das comunidades, como “episkopos” (aquele que vê sobre. É um bispo apaixonado pelo evangelho e pelo mundo das suas comunidades. Não era de fácil convivência, mas sabia ser pai (cf. 1 Tes 2,11 “Assim como bem sabeis de que modo

vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos). Paulo se posiciona como mãe (cf. 2,7 “fomos brandos [afeiçoámo-nos] entre vós, como a ama que cria seus filhos”). Vive assim o seu serviço sacerdotal numa numa missão de paternidade e de maternidade. Por isso, usa um amor demasiado possessivo até, porque ama a comunidade. Na sua evangelização conta com um só salário – o Deus da promessa. No contacto com a comunidade vive uma relação afectuosa, não é um funcionário do evangelho. Assim, em 2 Cor 6,11-13 entra amorosamente em litígio, e vê os defeitos mas com grande misericórdia. Relaciona-se com os outros com muita paciência e perdão.

A sua vocação está centrada em Cristo, vocação intimamente ligada à conversão. Neste sentido trata-se não apenas de uma mudança moral, mas de confissão. Sente-se apoiado por Deus, pelo seu poder (cf. Act 26,17). A sua vocação é benéfica para os outros. Paulo pensa autobiograficamente a sua vocação em 1 Tes 1,12-17 (“E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus, Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério, ¹³ a mim, que, dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade. ¹⁴ E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Jesus Cristo. ¹⁵ Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. ¹⁶ Mas, por isso, alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna”. Com esta graça, Paulo mostra bem que Cristo é o seu oásis. A sua alegria está baseada numa fé agradecida (cf. 1 Cor 1,4-5: “estou cheio de consolação, invadido de alegria em todas as tribulações”). Esta é uma alegria madura, não fácil pois encontra sentido no peso da vida, cruz de cada dia.

Tinha uma profissão: skêne poiês (cf. Act 18,2-4, fazia tendas). Estava atento às leis do trabalho, dos direitos e deveres dos trabalhadores. Paulo não gosta de quem não faz nada, e aponta o trabalho importante como regra. Para lá do trabalho profissional que ele também exerce, o que o distingue é o trabalho apostólico que ele tem como obrigatório e espontâneo. Trata-se de um trabalho constante (cf. Act 20,20.31). Muitos, todavia, não compreendem o trabalho de Paulo (cf. 2 Tim 1,15). Mas o trabalho não o devora. Paulo defende-se, não se esgota.

Paulo não profissionaliza o ministério. Não pertence a uma classe. Sente que lhe foi dada uma vocação especial. Por isso, Lucas apresenta-o como a personagem principal em Act 13-28. Aí constrói uma paralelismo nítido com o próprio Jesus.

VOCAÇÃO DE PAULO - PARALELISMO ENTRE PAULO E JESUS¹

Συγκρισις	Jesus em Lc	Paulo nos Actos
O MINISTÉRIO DE AMBOS		
Proclamam o reino de Deus	Lc 8,1	Act 28,31
Estão cheios do Espírito Santo	Lc 4,1	9,17; 13,9
Fazem a vontade de Deus	Lc 22,42	Act 21,14
Multidão que os seguem	23,27	21,36
Pregam nas sinagogas	4,15.16.33; 4,4; 6,6; 13,10	9,20; 13,5.14; 14,1; 17,1-2.17; 18,4.19; 19,8
Percurso decidido pelo Espírito Santo	4,1.14	19,6.7; 20,22
Sinais	5,18-26; 6,18;8,26-39	14,8-10
Exorcismos	4,33-37	16,16-18
DISCURSOS TESTAMENTÁRIOS		
Fim próximo e referência ao reino	22,15-16	20,25
Devem sofrer	22,15	20,23
Serviram	22,27	20,24
Serviram nas provações	22,28	20,19
Serviram até ao fim	22,37	20,24
Conferem autoridade aos seus sucessores	22,29	20,28
Que participarão na herança celeste	22,30	20,32
ACUSAÇÃO DOS HEBREUS CONTRA JESUS E PAULO		
Sublevam o povo e os hebreus	23,2.5	24,5
Sublinha-se a força das acusações	23,10	25,7
O grito da multidão	23,18	21,36; 22,22
PAIXÃO E RESPECTIVA PREPARAÇÃO		
Decidem subir a Jerusalém/Roma	9,51	19,21, 20,22
Discurso testamento	22,14-38	20,17-35
Anunciam a sua paixão	9,22.44; 18,31-33	14,22; 20,22-23; 21,11b
A necessidade dos seus percursos	2,49; 4,43, 9,22; 13,33; 17,25;22,37; 24,7.26.44	9,16; 14,22, 19,21, 23,11; 25,10; 27,24
“faça-se a Tua vontae” : ajoelham e rezam	22,42	21,14
Percursos antes do processo	22,63	23,2
(I) diante do Sinédrio	22,63-71	22,30-23,10
O dia depois da prisão	22,66	22,30
(II) diante das autoridades romanas	23,1-7	18,12; 26,1-27
Falsas acusações	23,2	17,17
(III) diante das autoridades judaicas	23,8-12	26,2-32;
Desejosos de os escutar	23,8	25,22
(IV) diante das autoridades romanas	23,13-14	25,1-12
Entregues aos procuradores - acusadores	23,25	27,1
Acompanhados por outros prisioneiros	23,32	27,1

¹ Cf. J.-N. ALETTI, *Il Racconto come Teologia. Studio narrativo del terzo Vangelo e del libro degli Atti degli Apostoli*, Roma : Dehoniane 1996, 67.

Morto / quase morto (última prova)	23,26-56	27,6-28,11
Aparição de um anjo consolador	22,43	27,23
Eucaristia sobre o pão	22,19-20; 9,12-17	20,11; 27,33-38
Ingresso na glória / Paulo declarado deus	24	28,1-10
RAZÕES DAS AUTORIDADES		
Perguntas sobre a sua proveniência	23,6-7	23,34
Nada que corresponda às afirmações	23,4.14	25,18
Nada que mereça a morte	23,15.22	25,25; 26,31
Terão querido libertá-lo	23,16.22	26,32

Paulo dá tudo por Cristo (cf. Flp 3,7-8: “tudo considere desperdício face ao eminente conhecimento de Cristo”). A sua missão vem do próprio Ressuscitado (cf. Gal 1,15: “quando Aquele que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou com a sua graça, achou por bem revelar-me o Seu Filho ...”). Paulo passa de obstáculo a catalizador: precisamente aquele em quem à partida se esperaria que Deus não apostasse, é esse aquele que Deus escolhe. Paulo sente assim a misericórdia de Deus. Aquele a quem Jesus pergunta porque O persegue, é a esse que Deus confia tudo. O Deus do evangelho de Paulo é o Deus da misericórdia. Perdoa-me. Deus mostra confiança em mim, mesmo que eu tenha desperdiçado tudo até agora. É tal a sua misericórdia que me confia o bem mais precioso: o Seu Filho, a sua Palavra. “Deus não poupou o seu próprio Filho” (cf. Rom 8,32).

Em 2 Cor 3,1-3 Paulo narra a sua paternidade. Paulo defende-se dos impostores das comunidades bem como das acusações de duplicidade ou de incoerência. Paulo afirma positivamente que a comunidade também é criação sua, é bela. Afirma também positivamente que a carta escrita em carne e osso nos seus irmãos e irmãs faz ver Cristo, anuncia-O, cria oásis de vida, continua a escrever a Escritura. Isto evidencia uma grande paixão de Paulo pela comunidade. O amor pela comunidade vai para além das desilusões. Ele sabe que o próprio Deus está envolvido nela. Paulo sente na pele o abandono dos seus, sobretudo da maioria dos seus irmãos judeus. Paulo debate-se com as divisões e tensões internas da comunidade. Paulo enfrenta-se com uma angústia pessoal (agonia), saber se está ou não à altura da missão. Apesar das dificuldades, Paulo confia no próprio carisma, aposta tudo na vocação pois sabe que ela foi dada pelo próprio Deus (“quem nos separará do amor de Cristo?”), quem nos separará desta nova vocação criatural? As situações obscuras? Situações simples, modestas, mesmo de pobreza?

Poderei então colocar-me alguma questões inspiradas pelo apóstolo das gentes:

- o que é que em mim se assemelha à experiência de Paulo?

- o que diverge em mim da experiência de Paulo?
 - como acolho na minha vida a experiência de Deus que me faz ser quem sou?
 - o que é que eu faço da água do baptismo, esse oásis em que fui para sempre mergulhado pelo Espírito de Jesus?
 - em que oásis é que me costumo banhar?
 - tal como para Paulo, como é que Jesus é a referência fundamental para mim?
 - que coisas me impedem de acolher a iniciativa de Deus acerca de mim?
- É preciso colocar estas questões com espírito dócil, não auto-justificativo, sem pressa.

José Carlos Carvalho (jcarvalho@porto.ucp.pt), Oásis, Ermesinde 20-09-2008